

Paulo Debauha
NIAK/UFES

BR. TBES, J. 2. 006
J

O URSO

Peca em 1 ATO

ANTON TCHETKOV

W. Va:

Outery - Jenn Wine

Wallonick / Washol

Paul Taylor /

Duo Theatre /

maura 325 6121
(Rubens) (paquim) 227 8335
Paulo

Ensaio
02/07/98 5^a f. 16 fo.

O URSO

PILHÉRIA EM 1 ATO

DE ANTON TCHEKOV

TRADUÇÃO DE TATIANA BELINSKY DE GOUVEIA

CENA I

(Popova, de luto pesado, não tira os olhos de uma fotografia).

LUCAS - Assim vai mal, patroa. . . A senhora está se matando, é isso. . . A criada e a cozinheira foram ao bosque catar amoras tudo está que é só alegria, até o gato, até ele sabe o que lhe convém e passeia pelo quintal caçando passarinho, e a senhora fica o dia inteiro trancada no quarto, como num convento, e nada de se distrair. Com efeito! Vai ver já faz mais de ano que a senhora não sai de casa! . . .

POPOVA - E não sairei nunca mais. . . Para que? A minha vida está terminada. Ele está sepultado na terra, e eu me sepultei entre quatro paredes. Estamos mortos, os dois.

LUCAS - Ora, ora! Nem quero escutar estas coisas, com efeito! Se Nicolau Mikalovitch se finou, quer dizer que assim tinha que ser, era a vontade de Deus, e que ele repouse em paz. . . A Senhora já chorou muito - agora chega, há um tempo ^{pra} ~~para~~ parar também. ~~Não é que a senhora~~ ^{não} vai ficar toda a vida chorando e vestindo luto? ^{não é?} Também ~~A~~ ^A minha velha morreu quando chegou a vez dela. E dai? Chorei, chorei bem um mês inteiro, e ^{foi o bastante.} ~~chegar para ela~~ . . . Se ficar o Lucas aqui a vida inteira a velha nem vale tanto. . . Com efeito! (Suspira) A senhora já esqueceu todos os vizinhos. . . Nem vai procurá-los, nem os recebe em casa. Estamos vivendo, me perdoe, que nem aranhas,

maura 325 6121
(Rubens) (paquim) 227 8335
Paulo

Paulo Spurgeon DePaula
Dir. Espetáculos - Centro de Artes
NIAC - UFES

Ensaio
02/07/98 5ª f. 16 hs.

7 p.m.
3ª e 4ª
2ª e 4ª
18:00 hs

O URSO

PILHÉRIA EM 1 ATO

DE ANTON TCHEKOV

TRADUÇÃO DE TATIANA BELINSKY DE GOUVEIA

CENA I

(Popova, de luto pesado, não tira os olhos de uma fotografia).

LUCAS - Assim vai mal, patroa. . . A senhora está se matando, é isso. . . A criada e a cozinheira foram ao bosque catar amoras tudo está que é só alegria, até o gato, até ele sabe o que lhe convém e passeia pelo quintal caçando passarinho, e a senhora fica o dia inteiro trancada no quarto, como num convento, e nada de se distrair. Com efeito! Vai ver já faz mais de ano que a senhora não sai de casa! . . .

POPOVA - E não sairei nunca mais. . . Para que? A minha vida está terminada. Ele está sepultado na terra, e eu me sepultei entre quatro paredes. Estamos mortos, os dois.

LUCAS - Ora, ora! Nem quero escutar estas coisas, com efeito! Se Nicolau Mikalovitch se finou, quer dizer que assim tinha que ser, era a vontade de Deus, e que ele repouse em paz. . . A Senhora já chorou muito - agora chega, há um tempo ^{pra} ~~para~~ parar também. ~~Não é que a senhora~~ ^{não} vai ficar toda a vida chorando e vestindo luto? ^{não é?} Também ~~a~~ ^{minha} velha morreu quando chegou a vez dela. E dai? Chorei, chorei bem um mês inteiro, e ~~chega para ela~~ ^{foi o bastante.} . . Se ficar o Lucas aqui a vida inteira a velha nem vale tanto. . . Com efeito! (Suspira) A senhora já esqueceu todos os vizinhos. . . Nem vai procurá-los, nem os recebe em casa. Estamos vivendo, me perdoe, que nem aranhas, sem ver a luz do dia. Os ratos até já comeram a minha librê.



Se ainda não houvesse gente boa por perto. . . mas a região está cheia de senhores distintos. . . Em Riblov está aquarte lado um exército. . . ^{cheio de} os oficiais são ~~uns bombas~~ gente ^{que mulher} não cansa de olhar para eles! E nos acampamentos tem baile toda sexta-feira, e tem até banda militar para fazer música. . . Eh, ^{minha} patroazinha ^{a senhor} de minha alma! É moça, é linda que nem uma flor, não lhe falta nada para viver e gozar a vida. . . Olhe que beleza não é para a vida inteira! Passando uns dez anos, vai querer dar umas voltinhas, enfeitiçar os senhores oficiais, mas então já será tarde.

POPOVA - (Decidida) Peço-te que nunca mais me fales nestas coisas. Tu bem sabes que desde que perdi Nicolau Mikailovitch, a vida para mim deixou de ter qualquer valor. A ti parece que estou viva, mas é só aparência! Fize um juramento a mim mesma de nunca mais tirar este luto, e de não voltar a ver o mundo. . . Ouviste? Que a sombra dele veja como eu amava. Sim, eu sei, para ti não é segredo, que muitas vezes ele foi injusto para comigo, e cruel, e. . . até infiel, mas eu lhe serei fiel até o meu fim, eu lhe provarei como o amei. Lá da sepultura, ele me verá tal qual eu era antes de sua morte. . .

LUCAS - Em vez de falar assim era melhor que a senhora fosse dar uma volta pelo jardim, ou então que mandasse atrelar Toby ou Gigante, e fosse fazer uma visita aos vizinhos. . .

POPOVA - (Chora) Oh!

Biblioteca Particular
RENATO SAUDINO

LUCAS - Patroa! Patroazinha! . . . Que é isso? Santo Deus!

POPOVA - Ele gostava tanto de Toby! Sempre o atrelava para visitar os Kortchághin e os Vlássov. E como dirigia bem! Quanta elegância quando tinha as rédeas com toda a força! Lembraste Toby, Toby! Manda dar-lhe hoje uma ração extra de aveia.

LUCAS - Sim senhora! (Companhia toca forte)

POPOVA - (Estremeece) Quem é? Vai dizer que não recebo ninguém!

LUCAS - Sim, senhora. (Sai)

C E N A I I

POPOVA - (Olhando a fotografia) Tu verás "Nicolas", como eu sei amar e perdoar. . . O meu amor se pagará comigo, quando parar de bater o meu pobre coração. (Ri através de lágrimas) E não tens vergonha? Eu sou tão boazinha, tua mulherzinha fiel, tranquei-me a sete chaves e te serei fiel até a sepultura. . e tu. . . e tu não tens vergonha, bichinho? Tu me traías, me fazias cenas, me deixavas sozinha semanas a fio. . .

C E N A I I I

POPOVA E LUCAS

LUCAS - (Entra agitado) Patroa, tem ^{um senhor} alguém ali que pergunta pela ^{onde} senhora. . . quer ^{que} lhe falar. . .

POPOVA - Mas tu lhe disseste que eu não recebo ninguém desde a morte de meu marido?

LUCAS - Disse sim, mas ele nem quer escutar, diz que é um negócio muito urgente.

POPOVA - Eu não re-ce-bo!

LUCAS - Eu disse a êle, mas. . . é o demonio em carne. . . xinga e vai entrando, empurrando a gente. . . já está na sala de jantar. . .

POPOVA - (Irritada) Está bem, está bem, manda entrar. . . Que grosseira!

Lucas sai

BR. TBES. 1.3.2.001
5

POPOVA - Como é importuna essa gente! Que é que eles querem de mim?
Para que perturbam a minha paz? (Suspira) Não, pelo que vejo
vou ter que me retirar para um convento mesmo. . . (Pensati-
va) Sim, um convento. . .

Biblioteca Particular
RENATO SAUDINO

C E N A I V

POPOVA, LUCAS E SMIRNOV

SMIRNOV - (Entrando, a Lucas) Velho cretino, tu falas demais. . . ~~Bar~~
~~rei~~ (Vendo Popova, digno) Senhora, tenho a honra de me apre-
sentar: Gregório Stepanovitch Smirnov, tenente de artilha-
ria reformado e fazendeiro! Fui obrigado a incomodar-vos
por um negócio muito importante. . .

POPOVA - (Sem estender a mão) O que desejais?

SMIRNOV - Vosso finado marido, a quem tive a honra de conhecer pessoal-
mente, ficou-me devendo duas letras no valor de mil e duzen-
tos rublos. Como amanhã eu tenho um pagamento de juros no
Banco Agrícola, tomo a liberdade de pedir-vos, senhora, que
me pagueis este dinheiro hoje mesmo.

POPOVA - Mil e duzentos?. . . Mas a que se refere esta dívida do meu
marido?

SMIRNOV - Ele me comprava aveia.

POPOVA - (Com um suspiro a Lucas) Não te esqueças, Lucas, de mandar
dar ao Toby uma ração extra de aveia. (Lucas sai a Smirnov)
Se Nicolau Mikhailovitch ficou devendo, está claro que eu
pagarei; mas, desculpai-me, por favor, se não vos posso pa-
gar hoje, porque não tenho dinheiro comigo. Depois de ama-
nhã o meu administrador volta da cidade e eu lhe darei or-
dens para pagar-vos conforme o devido; mas no momento não

posse atender ao vosso pedido. . . Além disso, hoje faz exatamente sete meses que o meu marido morreu, e meu estado de espírito neste momento absolutamente não se presta para tratar de negócios.

SMIRNOV - Pois o meu estado de espírito é tal, que se amanhã eu não pagar os juros ao banco, abrirei falência! Confiscam a minha propriedade!

POPOVA - Depois de amanhã tereis o dinheiro.

SMIRNOV - Não preciso do dinheiro depois de amanhã, mas sim hoje!

POPOVA - Peço perdão, mas hoje não vos posso pagar.

SMIRNOV - Pois eu não posso esperar até depois de amanhã.

POPOVA - Que é que posso fazer, se agora não tenho dinheiro!

SMIRNOV - Quer dizer que não podeis me pagar?

POPOVA - Não posso. . .

SMIRNOV - Humm! É a vossa última palavra?

POPOVA - Sim, a última.

SMIRNOV - A última? / Definitivamente?

POPOVA - Definitivamente.

SMIRNOV - Humildemente grato. Tomaremos nota (Dá de ombros) E ainda querem que eu ^{me mantenha} esteja calmo. Agora mesmo me encontrei na estrada com o agente fiscal que me diz: "Porque estais zangado, Gregório Stepanovich? "Mas, Deus do céu como quereis que eu não me zangue? Preciso de dinheiro, estou com a faca na garganta... Saí de casa ainda ontem, de madrugada, visitei um por um todos os meus devedores e nenhum, nem um! pagou a sua dívida! Estou cansado que nem um cachorro, passei a noite nem sei onde - num albergue fedido junto dum barril de ^{no deca} pinga... Afinal chego aqui, a 70 kms. de casa, na esperança de ser pago e sou recebido com "estados de espírito"! como querem que eu não me zangue?

POPOVA - Parece-me que fui explícita: receberéis vosso dinheiro, assim que o administrador voltar da cidade.

SMIRNOV - Eu não vim procurar o vosso administrador mas a vós, senhora! Para que diabo, com perdão da palavra, eu quero o vosso administrador!

POPOVA - Perdão, meu senhor, não estou acostumada com essas expressões estranhas, e com êste tom de voz, não vos escuto mais. (Sai Rapidamente).

C E H A V

SMIRNOV - Façam-me o favor! Estado de espírito... Faz sete meses que o marido morreu! Mas e eu tenho de pagar os juros ou não? Perguntovos: é preciso ou não pagar os juros? Bem, o vosso marido morreu, estais com um estado de espírito e tal e coisa... O administrador está viajando, o diabo que o carregue... e eu? que me mandais fazer? Fugir dos credores num balão, quem sabe? Ou tomar fôlego e dar com a cabeça na parede? Vou ao Gruzlov não está em casa. Varochevitch escondeu-se, com o Kuritzih tive um pega dos diabos e quase que me atire pela janela. Mazutov está com desinteria e esta aqui, então, está com estado de espírito! Nenhum dos canalhas me paga! E tudo porque os tratei ^{muito} bem demais, porque sou ~~um~~ mole, ^{demais} ~~um~~ ~~mole~~! Sou muito ^{gentil} delicado com eles! Mas isto vai acabar! Esperem, ^{elas} vão me conhecer! Não deixarei brincar comigo, raio que os parta! Fico aqui, não arredo pé até que ela me pague! Brrr! Como me ferve o sangue, como estou furioso! Estou tremento de raiva, até perdi o folego! . . . Arre, Deus do céu, estou até com náuseas! (Grita) Eh, homem!

C E N A V I

SMIRNOV E LUCAS

Biblioteca Particular
RENATO SAUDINO

LUCAS - (Entrando) Que desejais?

SMIRNOV - Me traga um copo d'água!

(Lucas sai)

SMIRNOV - Não, mas a lógica disse! Um homem precisa de dinheiro como de ar para respirar, está enforcado e ela não paga, porque compreendeis, não está com disposição para tratar de negócios! . . . A legítima, cretiníssima lógica feminina! É por isso que jamais gostei nem gosto de falar com mulheres. É mais fácil para mim sentar num barril de pólvora do que conversar com uma mulher. Brrr! Estou até sentindo arrepios a tal ponto me enfurece esta dona! Basta eu ver de longe um desses seres poéticos, que de raiva fico até com calombros nas panturrilhas. Dá vontade de urrar!

C E N A V I I

SMIRNOV E LUCAS

LUCAS - (Entrando com a água) *Aqui está sua água senhor. Mandame, Popova* ~~A senhora~~ se sente mal, e não recebe ~~o~~ *voltá.*

SMIRNOV - ~~Sente-se mal~~ (Lucas sai) Sente-se mal e não recebe *voltá*! Não é preciso, ~~não recebe!~~ Fico aqui e daqui não saio até que me pague! Se ficares doente uma semana, ficarei. . . e um ano se for preciso. . . Vou levar o que é meu, minha queridinha! Não me comoves com o luto, nem com as covinhas nas bochechas. . . Já conhecemos as tais covinhas! (Da janela) Simão! Desatreia! Não sairemos daqui tão cedo! Eu fico aqui! Avisa lá na estribaria para darem aveia aos cavalos! Outra vez, seu idiota, a égua da esquerda embarçou nas rédeas! (Arremeda) "Não há de ser nada. . ." Eu já te mostro, não há de ser nada! (Sai da janela) Isto vai mal. . . O calor não se aguenta, ninguém solta o dinheiro, passei mal a noi



te, e agora esta dona de crepe com estado de espírito. . .
Que dor de cabeça. . . Uma ^{vodka} ~~pin~~ (Grita) Oh, homem!

LUCAS - (Entrando) O que é?

SMIRNOV - Me traz uma vodka! (Lucas sai) Uff. (Senta-se e se emanina)
Sim senhor, que figura! Todo empoeirado, as botas imundas,
sujo, despenteado, palha no colete. . . A dona, vai ver, me
tomou por algum bandido. (Boceja) É um tanto indelicado apa-
recer ~~neste~~ neste estado, bem, mas não faz mal aqui não
sou visita e sim credor, e não há traje de rigor para credo-
res. . .

LUCAS - (Entra com a pinga) ^{Aqui está a vodka, meu senhor!} ~~ela~~ toma ^{o senhor} muita liberdade, senhor. . .

SMIRNOV - (Enfezado) O que?

LUCAS - Eu. . . eu nada. . . quer dizer. . .

SMIRNOV - Com que estás falando? Cala a boca!

LUCAS - (Aparte) Grudou, o demônio, para nossa desgraça. . . o tinho
so que o trouxe. . . (Lucas sai).

SMIRNOV - Ah! como estou furioso! Tão furioso que seria capaz de pul-
verizar o mundo inteiro! Até me dá náuseas. . . (Grita) ~~De~~
~~mem!~~

C E N A V I I I

SMIRNOV E POPOVA

POPOVA - (Entra, olhos baixos) Prezado senhor, na solicitação do meu re-
tiro há muito tempo que perdi o hábito de ouvir vozes huma-
nas, e não suporto gritos. Peço-vos encarecidamente não per-
turbar o meu sossego!

SMIRNOV - Pagai-me e eu irei embora.

POPOVA - Eu vos disse em português claro: não tenho dinheiro disponí-
vel comigo, esperai até depois de amanhã.

SMIRNOV - Eu também tive a honra de vos dizer em português claro: preciso do dinheiro hoje, e não depois de amanhã. Se não me pagares hoje, amanhã terei de me enforçar.

POPOVA - *Mas que quereis que eu faça, se não tenho dinheiro! Que coi*
sa!

SMIRNOV - Então, não pagareis agora? Não?

POPOVA - Não posso. . .

Biblioteca Particular
RENATO SAUDINO

SMIRNOV - Neste caso, eu fico aqui, e ficarei até receber. . . (Sentta-se) Pagareis depois de amanhã? Excelente! Ficarei sentta do aqui, deste jeito, até depois de amanhã. . . Assim, des te jeito. (Levanta-se dum pulo) Eu vos pergunto: tenho de pagar os juros amanhã, ou não?. . . Ou pensareis que estou gracejando?

POPOVA - Prezado senhor, peço-vos não levantar a voz, isto aqui não é uma estrebaria.

SMIRNOV - Não vos perguntei nada de estrebaria, mas sim, se preciso ou não pagar os juros amanhã!

POPOVA - Vós não sabeis vos comportar em companhia feminina!

SMIRNOV - Não. Excia., não sei me comportar em companhia feminina!

POPOVA - (Grita) Não, não sabeis! Sois um homem mal educado e grossei ro! Gente fina não fala nesse tom com uma senhora! (57)

SMIRNOV - Oh, que coisa extraordinária! Como ordenais então que fale convosco, em francês, quem sabe? (furioso, exagerando) "Ma-dame, je vous prie. . . como me sinto feliz por não me pa-gardes a dívida! Oh, pardon, por vos ter incomodado! Como está lindo o dia hoje! E o luto ^{he cai} vos ~~orna~~ tão bem! (Faz uma reverência militar).

POPOVA - Isto não tem graça e é grosseiro.

SMIRNOV - (arremeda) "Não tem graça e é grosseiro!" "Eu não sei me com-
portar em companhia feminina! Madame, em minha vida eu vi
mais mulheres do que vós arborinhas! Bati-me em duelo três
vezes por causa de mulheres; abandonei doze mulheres e nove
me abandonaram! Sim, é isso mesmo senhora. Houve um tempo
em que eu pintava o diabo, arrastava a asa, rasgava seda,
recitava versos, me dobrava e me curvava. . . Amava, sofria,
suspirava ao luar, murchava, derretia, congelava. . . Ama-
va apaixonadamente, desenfreadamente, de várias maneiras, o
raio que me parta, matraqueava que nem uma gralha sobre a
emancipação da mulher, esbanjei metade da fortuna com os
ternos sentimentos, mas agora basta! Agora ninguém mais me
embrulha! Chegou! Olhos negros, tentadores, lábios rubros,
cavinhas nas faces, lua, murmúrio, tímidos suspiros, por tu-
do isso, madame, hoje eu não dou um tostão furado! Não falo
dos presentes, mas todas as mulheres, velhas ou moças são
fingidas, hipócritas, mexeriqueiras, intrigentas, invejo-
sas, mentirosas até a medula dos ossos, fiteiras, mesquinhas,
maldoças, crueis e quanto a isso (bate na testa) perdoai-me
a franqueza, qualquer pardal pode dar aulas ao melhor filó-
sofo de saias! Olhai para qualquer um desses seres poéticos:
é gaze e zéfiro, é semi-deusa, um milhão de extases, mas o-
lhai para dentro de sua alma, não passa de um simples croco-
dilo! (Agarra o encosto da madeira, que estala e se quebra)
mas o mais incrível de tudo é que esse mesmo crocodilo, não
se sabe por que cargas d'água, imagina que a sua obra-prima,
o seu privilégio, o monopólio é o mais terno dos sentimen-
tos! Mil raios me partam, que me pendurem neste gancho de
cabeça para baixo, se uma mulher sabe amar alguma coisa a
não ser um lulu!

SMIRNOV - Em amor ela só sabe chorar, cantar e se lamentar! Onde um ho-
mem sofre e se sacrifica, todo o amor de uma mulher se ex-
prime em sacudir a cauda do vestido e fazer força para fis-

gar melhor o coicó. Vós tendes a desgraça de ser mulher, por tanto deveis saber por experiência própria qual é a natureza feminina. Dizei-me pois com a mão na consciência, já encontrei em vossa vida uma mulher que fosse sincera, fiel e constante? Nunca! Fiéis e constantes são só as velhas e aleijadas! É mais fácil encontrar um gato com chifres do que uma mulher constante!

POPOVA - Perdão, meu senhor, e na vossa opinião, quem é, então fiel e constante no amor? Não ireis me dizer que é o homem?

SMIRNOV - Sim, é o homem!

POPOVA - O homem! (Riso mau) O homem é fiel e constante no amor! Mas sim senhor, que novidade! (Acalorada) Mas que direito tendes vós de afirmar isso! Os homens são fiéis e constantes! Já que estamos discutindo isso, deixai-me dizer senhor, que de todos os homens que jamais conheci e conheço, o melhor foi o meu defunto marido. . . Eu o amava apaixonadamente, com todo o meu ser, como só pode amar uma mulher jovem e inteligente, dei-lhe a minha mocidade, minha felicidade, minha vida, minha fortuna, ele era o meu ar, o meu tudo, eu o adorava como a um deus e. . . e. . . e que? Este melhor dos homens me enganava desavergonhadamente a cada passo! Após a sua morte encontrei na sua gaveta um pacote de cartas de amor, e é terrível recordar! Ele me deixava sozinha durante semanas inteiras, cortejava outras mulheres na minha frente, traía-me, esbanjava o meu dinheiro, zombava dos meus sentimentos. . . E apesar de tudo isso, eu o amava e lhe era fiel. . . Mais do que isso, ele já está morto e eu continuo sendo-lhe fiel e constante. Eu me sepultei pelo resto da vida entre quatro paredes, e não tirei este luto até a morte!

- SMIRNOV - (Riso de desespero) Luto! . . . Não entendo por quem me to
mais! Como se eu não soubesse porque vestis este dominó ne
gro e vos trancais entre quatro paredes! É claro! Isto é
tão misterioso, tão poético! Já conhecemos esses truques!
- POPOVA - (Irada) O que? Como vos atreveis a me dizer semelhante coi-
sa!
- SMIRNOV - Vós vos sepultastes em vida, porém, não esquecestes de empo
ar as faces!
- POPOVA - Mas como vos atreveis a me falar desta maneira?
- SMIRNOV - Não griteis, por favor, não sou vosso criado! E permiti que
eu chame as coisas pelos seus próprios nomes. . . Não sou
mulher e costumo dizer as minhas opiniões abertamente! Por
tanto não griteis, minha senhora!
- POPOVA - Não sou eu que estou gritando, sois vós! Tende a bondade de
me deixar em paz!
- SMIRNOV - Pagai o meu dinheiro e irai embora.
- POPOVA - Não vos darei dinheiro nenhum!
- SMIRNOV - Dareis, sim, Excia.
- POPOVA - Por desaforo, não vos darei nem um tostão! Podeis me deixar
em paz!
- SMIRNOV - Não tenho o prazer de ser nem vosso esposo, nem vosso noivo
e portanto, por favor, não me façais cenas. (Senta-se) Não
gosto dessas coisas.
- POPOVA - (Sufocando de raiva) Sentastes!
- SMIRNOV - Sentei-me.
- POPOVA - Peço-vos que vos retireis!
- SMIRNOV - Dai-me o dinheiro. . . (a socapa) Oh, como estou furioso !
Como estou furioso.

- POPOVA - Não tenciono conversar com grosseirões atrevidos! Tende a bondade de sair daqui imediatamente! (Pausa) Não ireis embora? Não?
- SMIRNOV - Não.
- POPOVA - Não?
- SMIRNOV - Não.
- POPOVA - Muito bem! (Toca) Lucas, acompanha este senhor até a porta.
- LUCAS - (Aproxima-se do senhor) Tende a bondade de vos retirardes, quando vos mandam. . . Nada de. . .
- SMIRNOV - (Levanta dum pulo) Cala a boca! Com quem estás falando? Já te faço virar picadinho!
- LUCAS - (Pondo a mão sobre o coração) Deus do céu! Nossa Senhora! (Cai na poltrona) Oh, que ansia, que ansia. . . meu folego!
- POPOVA - Onde está a Dacha! (Grita) Dacha! Felaguéia! Dacha! (Toca)
- LUCAS - Oh! Todos saíram. . . Não tem ninguém em casa! . . . que *agonia* ansia!
- POPOVA - Fazei a fineza de por-vos daqui para fora!
- SMIRNOV - Não quereis ser um pouco mais cortez, madame?
- POPOVA - (Fechando os punhos e batendo os pés) ~~Labrego~~ Labrego, grosseirão, *sen* urso! Monstro!
- SMIRNOV - Como? O que dissestes?
- POPOVA - Eu disse que sois um urso, um monstro!
- SMIRNOV - (Dando um passo para ela) Perdão, mas que direito tendes de me insultar?
- POPOVA - Sim, insulto. . . E dai! Pensais que tenho medo de vós?

SMIRNOV - E vós pensais que, só porque sois um dos tais seres poéticos, já tendes o direito de insultar impunemente? Hein? Exijo satisfação!

LUCAS - Deus do céu! Nossa Senhora! . . . Água! . . .

SMIRNOV - A tiros!

Biblioteca Particular
RENATO SAUDINO

POPOVA - Se tendes punhos fortes e garganta de touro, pensai que só por isso eu tenho medo, hein? Urso grosseiro!

SMIRNOV - Exijo o duelo! Não admito que ninguém me insulte, e não me importa que vós sejais uma mulher, uma frágil criatura!

POPOVA - (Procurando gritar mais alto) Urso! Urso! Urso!

SMIRNOV - Já é tempo, afinal, de deixar esses preconceitos de que só os homens têm de pagar pelos insultos! Direitos iguais, e que seja em tudo! Com mil diabos! Ao duelo!

POPOVA - Quereis resolver a tiros? Com muito gosto!

SMIRNOV - Imediatamente!

POPOVA - Imediatamente! Meu marido deixou as pistolas. . . já vou buscá-las (Sai rapidamente e volta) Com que prazer meterei uma bala nessa testa de ferro! Que o diabo vos carregue (Sai).

SMIRNOV - Vou matá-la que nem um pinto! Não sou nenhum moleque, nenhum filhote sentimental, para mim não existem criaturas frágeis!

LUCAS - *Por favor, senhor*
- *Paizinho querido!* (Cai de joelhos) Faz uma caridade, tem pena dum velho, vai-te embora daqui! Já nos assustaste de matar, e ainda queres dar tiros!

SMIRNOV - (Sem escutá-lo) Duelo a tiros, isso sim, isto é igualdade, emancipação! Aqui ambos os sexos são iguais. Vou dar-lhe um tiro, por mero princípio! Mas que mulher! (Arremeda)
"Que o diabo vos carregue. . . meter uma bala nesta testa

de ferro". . . Que tal a dona? As faces em fogo, os olhos brilhantes. . . Aceitou o desafio! Palavra de honra, é a primeira vez que vejo uma destas!

LUCAS - *Meu senhor,* Paizinho, vai embora! Vou rezar por ti o resto da vida!

SMIRNOV - Isso sim, é uma mulher! Assim é que eu entendo! Uma mulher de verdade! Não é mole, nem derretida, mas é fogo, pólvora, um foguete! Até dá pena de matar!

LUCAS - (Chorando) *Meu senhor, por favor,* Paizinho! . . . ~~querido!~~ Vai embora!

SMIRNOV - Positivamente ela me agrada! Positivamente! Apesar das cozinhas nas faces, ela me agrada! Estou pronto até a perdoar-lhe a dívida! Até a raiva passou! Que mulher admirável!

C E N A X

POPOVA - (Entra com as pistoias) Aqui estão as armas. . . Mas, antes de começar o duelo, vós tereis de me mostrar como é que se atira com isto. . . Nunca na minha vida tive uma pistola nas mãos. . .

LUCAS - Deus me livre e guarde. . . ~~Vou chamar o jardineiro e o cocheiro.~~ . . . De onde vem tanta desgraça sobre as nossas cabeças. . . (Sai).

SMIRNOV - (Examina as pistolas) V. Excia. compreende, existem várias espécies de pistolas. . . Há as pistolas especiais para duelo, as Mortimer, de cápsulas. . . Mas isto aqui são revólveres sistema Smith e Wesson, de ação tripla. . . excelentes armas! Valem pelo menos 90 rublos o par. . . o revol-ver segura-se assim. . . (à parte) Os olhos! Que mulher incendiária!

POPOVA - Assim?

SMIRNOV - Assim mesmo. Agora levanta-se o cano. . . aponta-se assim. . . A cabeça assim para trás. Estendei o braço. . . as sim. . . Agora, com este dedo aperta-se esta coisinha aqui e é só. A regra principal é: não se afobar e apontar sem pressa. . . Procurar não deixar o braço tremer.

POPOVA - Está bem. . . Não convém dar tiros dentro da casa. Vamos para o jardim.

SMIRNOV - Vamos, porém, aviso-vos que vou atirar para o ar.

POPOVA - Era só o que faltava! Por que?

Biblioteca Particular
RENATO SAUDINO

SMIRNOV - Porque. . . porque. . . isto é comigo, eis porque.

POPOVA - Ficastes com medo? Sim? Ahhh! Não, cavalheiro, deixemos de fitas! Tende a bondade de me seguir! Não terei sossego en quanto não furar a vossa testa. . . Esta testa, que odeio tanto! Estais com medo?

SMIRNOV - Sim, estou com medo.

POPOVA - Mentira! ~~Porque~~ ^{o duelo} Não quereis ~~bater-vos?~~

Por que?

SMIRNOV - Porque. . . porque vós. . . me agradais!

POPOVA - (Riso mau) Eu lhe agrado!

SMIRNOV - (Em silêncio, coloca o revólver na mesa, apanha o boné e vai; junto a porta pára, e por meio minuto ambos ficam se fitando calados; depois ele fala, aproximando-se dela, hesitante) Escutai. . . Vós ainda estais muito zangada?. . . O caso é que, de fato. . . o caso é, quero dizer. . . (Gri ta) Ora bolas! Será que tenho culpa se vós me agradaídes? (Agarra a cadeira que range e se quebra) Com os diabos, ~~que mobília fragil, a vossa!~~ Vós me agradais! Compreendeis! Eu. . . eu estou quase apaixonado!

POPOVA - Afastai-vos de mim! Eu vos detesto!

SMIRNOV - Meu Deus, que multa! Nunca na minha vida vi nada de semelhante. Estou perdido! Liquidado! Caí na armadilha, que nem um rato!

POPOVA - Afastai-vos, senão eu atiro!

SMIRNOV - Atirai! Não podeis compreender, que felicidade será morrer sob a luz destes olhos divinos, morrer pelo revólver seguro nesta mimosa mãozinha de veludo! . . . Estou louco! Pensai e resolvi já, porque se eu sair daqui nunca mais nos veremos! Decidi! Sou um nobre, um homem de bem, tenho uma renda anual de dez mil rublos. . . acerto uma bala num níquel atirado no ar. . . Possuo cavalos excelentes. . . Quereis ser minha esposa?

POPOVA - (Indignada, sacudindo a arma) A tiros! Ao duelo!

SMIRNOV - Estou louco! Não entendo mais nada! (Grita) Homem! Água! *traço-me*

POPOVA - (Gritando) Ao duelo!

SMIRNOV - Estou louco, estou apaixonado *como um adolescente* ~~que nem um moleque~~, que nem um bobo! (Agarra-lhe a mão, ela grita de dor) Eu vos amo! (Ajoelha-se) Amo, como jamais amei na minha vida! Abandonei doze mulheres, nove mulheres me abandonaram, mas a nenhuma delas amei como vós amo, senhora! Estou amolecido, derretido, liquefeito. Estou de joelhos, que nem um idiota, e ofereço-vos a minha mão! É uma vergonha, uma humilhação. Há cinco anos que não me apaixono, fiz uma promessa solene a mim mesmo, e agora, de repente, bumba! Enrasquei-me que nem um fedelho! Ofereço-vos minha mão! Sim ou não? Não quereis? Não é preciso! (Levanta-se e vai a porta).

POPOVA - Esperai. . .

SMIRNOV - (Para) Então?

POPOVA - Nada, podeis ir. . . por outra, esperai. . . Não, ide, ide! Eu vos detesto! Ou. . . não! Ficai! Ah, se soubesse como es

tou furiosa! (Atira o revolver na mesa) Fiquei com os dedos duros desta porcaria. . . (Rasga o lenço de raiva) Que estais esperando aí? Rua!

SMIRNOV - Adeus!

POPOVA - Sim, sim, ide embora! (Grita) Mas para onde ides? Esperai. . . Ora podeis ir. Ch! Como estou furiosa! Não vos aproximeis, não chegueis perto!

SMIRNOV - (Aproximando-se dela) Como estou furioso comigo mesmo! Apaixonei-me que nem um colegial, fiquei de joelhos. . . Até sinto arrepios. . . (Grosseiro) Eu vos amo! Era só o que me faltava! Amanhã tenho que pagar os juro, a colheita já começou, e agora esta história. . . (Pega-a pela cintura) Nunca me perdoarei ^{por isto} isto!

POPOVA - Afastai-vos! Tirai as mãos! Eu vos. . . eu vos detesto! Ao. . . du. . . duelo! (Beijo prolongado).

C E N A X I

OS MESMOS - LUCAS COM MACHADINHA - ~~JARDINEIRO COM ANCINHO, COCHEIRO~~ COM GARFO DE FENO E VÁRIOS TRABALHADORES COM FÁS, ETC.

LUCAS - (Vendo a cena) Minha mãe santíssima! (Pausa).

POPOVA - (De olhos baixos) Lucas, avisa lá na cocheira que não precisa dar aveia ao Toby, hoje.

P A N O

Biblioteca Particular
RENATO SAUDINO

18 - aqui

nyv

18.04.74

aqui

tou furiosa! (Atira o revolver na mesa) Fiquei com os dedos duros desta porcaria. . . (Rasga o lenço de raiva) Que estais esperando ai? Rua!

SMIRNOV - Adeus!

POPOVA - Sim, sim, ide embora! (Grita) Mas para onde ides? Esperai. . . Ora podeis ir. Ch! Como estou furiosa! Não vos aproximeis, não chegueis perto!

SMIRNOV - (Aproximando-se dela) Como estou furioso comigo mesmo! Apaixonei-me que nem um colegial, fiquei de joelhos. . . Até sinto arrepios. . . (Grosseiro) Eu vos amo! Era só o que me faltava! Amanhã tenho que pagar os juros, a colheita já começou, e agora esta história. . . (Pega-a pela cintura) Nunca me perdoarei isto!

POPOVA - Afastai-vos! Tirai as mãos! Eu vos. . . eu vos detesto! Ao. . . du. . . duelo! (Beijo prolongado).

C E N A X I

OS MESMOS - LUCAS COM MACHADINHA - ~~JARDINEIRO COM ANCINHO, COCHEIRO~~ COM GARFO DE FENO E VÁRIOS TRABALHADORES COM PÁS, ETC.

LUCAS - (Vendo a cena) Minha mãe santíssima! (Pausa).

POPOVA - (De olhos baixos) Lucas, avisa lá na cocheira que não precisa dar aveia ao Toby, hoje.

P A N O

Biblioteca Particular
RENATO SAUDINO

18 - aqui

nyv

18.04.74

